

Marabá renova sonho da Cinelândia

PAULO PINTO / AE

Reabertura do cinema está prevista para o dia 30; secretaria tem projeto para mais seis

ADRIANA CARRANCA

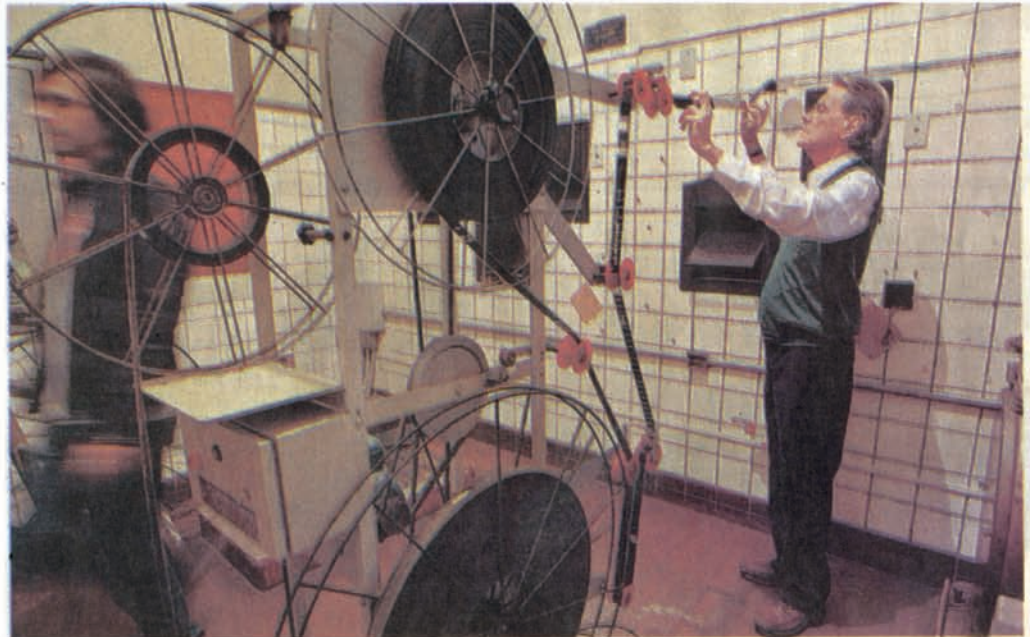
adriana.carranca@grupoestado.com.br

Depois de muitas promessas, o lendário Cine Marabá, inaugurado originalmente em maio de 1945, no número 757 da Avenida Ipiranga, reabre as portas para o público no sábado, dia 30. A Playarte tenta manter segredo sobre o filme de estreia, mas o longa-metragem do trio norte-americano Jonas Brothers, em 3D, deve inaugurar a sala 1, a principal do agora multiplex, onde foi preservado o palco – ou boca de cena.

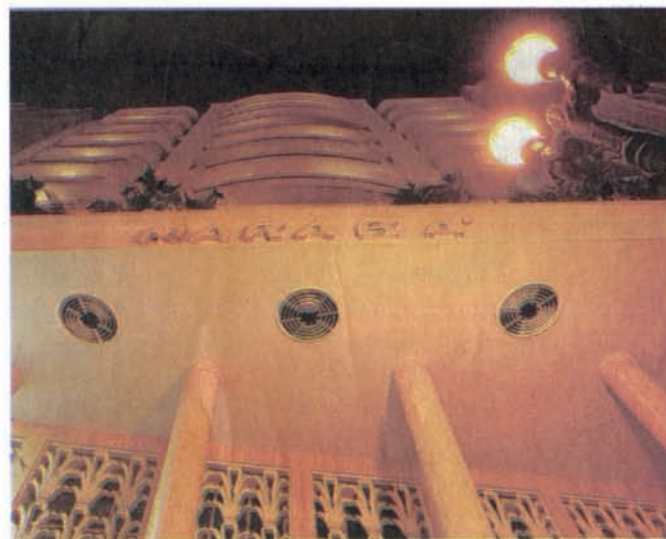
A volta do Marabá abre caminho para o retorno de outros clássicos do centro. A Secretaria Municipal de Cultura pretende entregar ao prefeito Gilberto Kassab e ao governador José Serra, no mês que vem, proposta para revitalizar e retomar a programação normal de seis cinemas – Art Palácio, em processo de desapropriação pela Prefeitura, Marrocos, Ipiranga, Paçandu e Windsor, fechados, e o Dom José.

O que já foi a mais glamourosa sala de projeção de São Paulo, onde a Cia. Vera Cruz fazia as avant-premières para 1.438 seletos convidados, foi dividida em cinco salas menores e ovas, a principal com 470 lugares e a menor com 170, equipadas com as modernas cadeiras dos cinemas de hoje – no lugar das originais, de couro, guardadas a pedido do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico de São Paulo (Compresp), responsável pelo tombamento do Marabá.

“Acho que o Cine perde um pouco do glamour de antigamente, mas é melhor assim do que fechado ou exibindo filmes pornográficos, destino de outros cinemas do centro”, diz o jornalista Julio Simões, que escreveu *Cine Marabá – O Cinema do Coração de São Paulo*, como tese de conclusão de curso, sobre a revitalização do espaço. “As características fundamentais da sala foram mantidas e o



Francisco Lucas, o Chiquinho, dono do Cine Dom José, espera pela renovação: ‘Só deixo isso aqui quando morrer’



Construído em 1945, Marabá agora é multiplex e terá sessão em 3D

mais importante é que a obra segue um princípio fundamental do restauro, que é a reversibilidade, ou seja, poderá um dia voltar a ser como antes”, diz a arquiteta Lícia de Oliveira, do Departamento de Patrimônio Histórico (DPH).

Projetos

O Ipiranga, projetado por Rino Le-

vy (1901-1965), seria transformado em teatro. Do mesmo arquiteto, o Art Palácio, de 1936, que fica ao lado da Galeria do Rock, poderá abrigar a primeira “Radio City Music Hall de São Paulo”, segundo o secretário municipal de Cultura, Carlos Augusto Calil. Como na casa nova-iorquina, o local receberia grandes shows. “Os de-

mais estão bem preservados e podem voltar a ser cinema”, diz a arquiteta Lícia de Oliveira, do Departamento de Patrimônio Histórico (DPH). Donos dos cinemas Barão e Metrôpole também já se mostraram interessados em revitalizá-los. O Metrôpole seria transformado em uma casa de espetáculos.

Para a região que compreende as Avenidas São João e Ipiranga e o Largo Paçandu voltar a ser Cinelândia, apelido que recebeu por abrigar dezenas de cinemas nas décadas de 1950 e 60, falta ainda a verba. E a articulação desse com outros prometidos planos de revitalização do centro, além de um reforço na segurança da região, para que as salas, renovadas, não fiquem às moscas. “Não adianta só abrir o cinema. Tem que trazer melhorias e aumentar a oferta cultural, para gerar um fluxo de pessoas que motive donos de restaurantes e bares a abrir à noite. É isso que eu espero há 20 anos para retomar a programação dos meus cinemas. Será que agora sai?”, diz Francisco Lucas, ou doutor Chiquinho, que já foi sócio de mais de 50 salas e mantém as duas restantes, Dom José e Windsor. “Só deixo isso aqui quando morrer.” ::